

CONDUTORES NA BOIADEIRA: A IDENTIDADE CONSTRUÍDA PELAS ESTRADAS, PARADAS E POUSOS NO NOROESTE PAULISTA (1915 A 1940)¹

NATALIA SCARABELI ZANCANARI (UFGD)*

nataliazancanari@yahoo.com.br

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo analisar a figura do peão de boiadeiro como condutor de gado e viajante das estradas boiadeiras. A partir dessa discussão, é que se pretende buscar, por meio das histórias, memórias e narrativas, (re) construir a figura do peão de boiadeiro em suas relações sociais e atividades cotidianas no contexto rural. Desse modo, foram coletados relatos com antigos peões de boiadeiro e condutores que fizeram o trajeto pela Estrada Boiadeira, acompanhando histórias na tentativa de aproximar-se de seu cotidiano, de modo a considerar o significado dado pelas experiências vividas e as representações simbólicas que faziam durante suas viagens. Outras fontes como letras de músicas, fotografias e recortes de jornais também fizeram parte do material para o presente trabalho. Partindo da análise dos vínculos coletados estabelecidos entre os condutores e peões de boiadeiro no meio rural, torna-se possível observar em seu cotidiano suas práticas festivas, como modo de lazer e distração em meio à solidão que passavam ao conduzir o gado. Esse universo de representações, que envolviam práticas tradicionais de sobrevivência, fosse por meio de santos de devoção, ervas medicinais, simpatias e momentos de lazer resultaram em formas de integração social do universo rústico que inseria a figura dos condutores e peões de boiadeiro em comitivas. Neste âmbito, a interpretação de dados proporcionou uma discussão sobre as adaptações no modo de vida desses sujeitos referente ao conhecimento adquirido nas viagens e sua influência deixada nos lugares por onde passavam. O estudo enfatiza a contribuição desses sujeitos não apenas na configuração social e econômica, mas também cultural da região do Noroeste paulista.

Palavras – chaves: Peão de Boiadeiro. Cultura. Modos de vida.

¹Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada: Estrada Boiadeira, sua história, seus peões e comitivas: do sul de Mato Grosso ao Noroeste paulista (1915 a 1940), defendida em agosto de 2013 na Universidade Federal da Grande Dourados.

*Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Introdução

Neste trabalho procura-se discorrer sobre a figura social do boiadeiro apresentando suas raízes históricas e tradições culturais peculiares, de modo que o entendimento do tipo cultural do peão de boiadeiro requereu o estudo de seu modo de vida, com o objetivo de revelar significados do cotidiano. Este modo de viver organizava o espaço onde conviviam no dia a dia, cujas práticas cotidianas mostravam as peculiaridades de sua vida as quais se transformaram em marcos de sua cultura.

Assim, o estudo dos peões de boiadeiro se deu por meio de indícios de sua cultura e experiências durante as viagens em comitivas no qual resultaram em muitas histórias guardadas, colocando-nos a frente de um mundo possível, repleto de surpresas, de paisagens, de dificuldades e de outras cenas da vida.

Deste modo, este estudo contribui para a ampliação de um processo de reconstrução dos fatos observados, o que possibilita apreender sistemas simbólicos presentes na paisagem do cotidiano, bem como a relação com a natureza. Dessa maneira, foram analisadas as dimensões do espaço visando a compreender o processo de elaboração do valor simbólico dos lugares percorridos pelos peões de boiadeiro.

A figura do peão de boiadeiro

Os condutores de gado e peões de boiadeiro eram personagens frequentes em regiões, como Mato Grosso e Noroeste paulista nas décadas de 1915 a 1940, onde a pecuária se tornou uma economia geradora de importante mercadoria para o comércio entre os estados. Segundo Caio Prado Júnior, a pecuária cresceu e ganhou novos mercados, ampliando a sua presença em diversos territórios brasileiros:

(...) ela ainda está, idêntica ao passado, nestas boiadas que no presente como ontem palmilham o país, tangidas pelas estradas e cobrindo no seu passo lerdo as distâncias imensas que separam o Brasil, realizando o que só o aeroplano conseguiu em nossos dias repetir: a proeza de ignorar o espaço. Há séculos esta cena diuturna se mantém em todo o país; e neste longo decurso de tempo não se alterou; as mesmas boiadas que seu primeiro cronista (Antonil) descreve com tão vivas cores, poderiam

ressurgir hoje a atravancarem as estradas para maior desespero dos automobilistas: estes não notariam a diferença (PRADO JÚNIOR, 1970, p. 187).

Foram nas longas viagens, nas lidas fatigantes do trabalho com o gado, que fazendeiros encontraram o melhor boiadeiro para conduzir suas boiadas, cuja origem era de descendência de escravos e índios, conhecidos muitas vezes pela expressão de camarada², a qual designava também inúmeros outros trabalhos no meio rural. Esses peões sempre tiveram papel importante na criação e comercialização de gado, em relações sustentadas por laços de fidelidade com os fazendeiros, donos da boiada, conduzindo esses animais para locais distantes destinados ao centro de abate.

Segundo Lucídio, no início da formação social do trabalho rural não havia divisão nas tarefas do processo produtivo na qual os escravos faziam trabalhos braçais da lavoura, engenhos e trabalhos domésticos, e os homens livres o trabalho de vaqueiro, capataz e tropeiro. Os homens livres e os escravos trabalhavam juntos na lida de vaqueiros ou nas roças (1993, p. 94).

Um exemplo é o caso da profissão de vaqueiro. Tanto agregados quanto camaradas poderiam sê-lo, todavia, a forma de pagamento é que denunciava a condição social de cada um. Enquanto para o camarada (principalmente se fosse indígena ou liberto) era comum o pagamento do salário monetário, para agregado ou morador pagava-se em espécie (o quarto ou o quinto, ou seja, o vaqueiro cuidava de todo o rebanho e de cada quatro ou cinco bezerros dos nascidos que sobreviviam até a idade superior a nove meses ele receberia um) (LUCIDIO, 1993, p. 94-95).

O propósito de mencionar a presença de vaqueiros, junto aos camaradas, e seu trabalho desenvolvido no ambiente rural, dá-se pelo fato de que ao longo do tempo esta atividade foi se modificando no sentido de que o vaqueiro passa a desenvolver atividades apenas ligadas à pecuária. Nesse sentido, também ocorre transformações nas relações entre patrão e empregado, em que a relação entre este sujeito e fazendeiro se estende pela confiança

² Segundo Lucídio, nos pantanais, a vida rural se baseava no trabalho dos camaradas, descendentes de antigos escravos, ou que provinha do cruzamento do branco com o negro entre si ou com o índio (1993, p.90).

mútua, embora exista uma hierarquia no ambiente rural entre fazendeiro, condutor e peão de boiadeiro.

Deste modo, este sub-item refere-se ao peão de boiadeiro como condutor de gado e viajante das estradas boiadeiras. A partir dessa discussão, é que se pretende buscar, por meio das histórias, memórias e narrativas, (re) construir a figura do peão de boiadeiro em suas relações sociais e atividades cotidianas no contexto rural, mas com algumas diferenciações específicas. Muitos autores (PROENÇA, 1997; BRANDUCCI JUNIOR, 1995; RONDON, 1972) utilizam o termo vaqueiro generalizando o ofício do peão de boiadeiro na comitiva.

O autêntico vaqueiro dos pantanais seja paraguaio ou seu descendente; seja mestiço, índio, poconeano; analfabeto ou semi-alfabetizado, é competente na sua profissão; hábil condutor de boiadas; apto a desenvolver as atividades de rodeio, de doma, de carneada, de apartação; ágil do laço; valente na bagualeação e, sobretudo, caprichoso artesão, quando prepara o couro e fabrica suas traíás de arreo (...). Além de suas viagens, que têm de enfrentar, conduzindo boiadas de um local para o outro (NOGUEIRA, 2002, p. 38).

De acordo com Leite (2010), o termo vaqueiro é utilizado para o peão que exerce sua função com sucesso, sujeito conhecedor de sua atividade desenvolvida com o gado. Para Álvaro Banducci Júnior, o vaqueiro representa um desbravador de regiões desconhecidas. Conforme o autor: “o gado, adaptando-se ao ambiente, permitiu que o vaqueiro penetrasse nos lugares mais inóspitos e, apesar de todos os reveses, lá permanecesse e construísse fazendas” (1995, p. 24).

Para Eudes Fernando Leite (2003), o termo vaqueiro significava um sujeito trabalhador habilitado na lida com o gado, transformado em peão de boiadeiro ou condutor a partir do final do século XIX, quando o gado precisou ser conduzido para as charqueadas ou para as invernadas de engorda. A figura dos condutores e peões de boiadeiro nas comitivas apresentava-se em imagens presentes no cotidiano rural. Nos lugares pouco transitados, esses sujeitos revelavam diversos ofícios executados na condução do gado.

O condutor, peão boiadeiro foi o responsável pela entrega de grandes lotes de gado, passou a ser fundamental para a pecuária matogrossense. Região de grande

dimensão, enormes diversidades naturais, Mato grosso passaria a ser trilhado em várias direções pelas comitivas. Sobre o lombo de mulas, envoltos na poeira das estradas e trilhas ou encharcados pelas águas pantaneiras, os condutores e seus peões viajaram milhares de léguas, palmilharam espaços conhecidos por vezes apenas nos enredos dos causos dos galpões (LEITE, 2003, p. 121).

Os condutores com seus peões de boiadeiro em comitivas de gado palmilhavam regiões de todo o Brasil, abrindo caminhos por meio de estradas boiadeiras e fazendas de cria e engorda para o gado, nos locais em que existia apenas a presença indígena. Entre os anos de 1915 e 1940, por terras do sul de Mato Grosso e Noroeste paulista, nas viagens em comitivas, os condutores desenvolviam diversas funções, sendo os conhecedores dos locais por onde a comitiva deveria seguir e responsáveis pelos animais transportados.

Essas viagens eram grandes espaços de veredas e de longínquas paisagens onde o gado seguia preguiçosamente pastando e caminhando. Essas regiões passavam a ser trilhadas em várias direções pelas comitivas, fossem nas estações das chuvas ou na poeira das estradas em épocas de seca.

Os tropeiros eram condutores ou donos de tropas de gado ou mula que percorriam extensas áreas conduzindo o gado e outras mercadorias. Contudo, com o passar do tempo, com as divisões sociais, os condutores passaram a ser identificados como boiadeiros no imaginário da população. Porém, sua diferença é sempre lembrada e respeitada dentro da comitiva.

Holanda atribui características ao tropeiro³ – condutor de gado – como sujeito de “espírito aventureiro”, fascinado “pelos riscos”, pela “coragem”, “ousadia” e “virtude” (1994, p. 134). Os condutores e peões de boiadeiro conhecem a lida, o tempo, os caminhos, os costumes locais. Deste mesmo modo, Evandro Sathler ressalta a figura do tropeiro como homem aventureiro e destemido:

O brasileiro não se deixa deter pelos perigos e cansaças de uma viagem que, às vezes, o separa oito, até dez meses, da família (...) pois quanto mais ermo é o lugar

³ Sérgio Buarque de Holanda, “Do peão ao tropeiro”. Neste trabalho, o autor busca nas origens da atividade da pecuária o tropeiro, que pela necessidade do comércio, embrenha pelo sertão e inicia sua ocupação. Nesse sentido, o boiadeiro é uma derivação do tropeiro resultado da imensidão dos cerrados e da sedentarização do sertanejo.

de sua origem, tanto mais cedo e se acostuma a dar pouca importância às grandes dificuldades (SATHLER, 2003 p. 236 *apud* Spix&Martius).

Em “Os Sertões” de Euclides da Cunha, o vaqueiro aparece com um condutor de gado que acompanha “morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas” (2003, p. 116).

Passa a vida aventureiro, jovial, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo os ombros, palpitando aos ventos, a pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada (2003, p. 118).

A imagem rústica do peão ou do vaqueiro que se mistura na paisagem árida faz parte do imaginário do sertão brasileiro. A descrição de sua “rudeza” confunde-se àquela dos animais. Ao narrar um estouro de boiada, Euclides da Cunha, em “Os Sertões”, desenha uma cena típica em que o vaqueiro e o boi confundem-se:

destrõem-se em minutos, feitos montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolidos, as ipueiras rasas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvaziam-se, deixando os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo retilíneo em que se desempenha a “arribada” (...). E sobre este tumulto, arrodando-o, ou arremessando-se impetuosos na esteira de destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largando numa disparada estupenda sobre barrancas, e valos, rédeas soltas, soltos os estribos, estirados sobre o lombinho, preso às crinas do cavalo- o vaqueiro! (CUNHA, Euclides, 1995, p. 190).

Essa imagem do homem sertanejo como homem e animal também está presente na obra de João Guimarães Rosa, como em *Conversa de Boi*, em Sagarana (1984) e também no conto *O Boi de Guia*, de Cora Coralina (1985). Essas são representações literárias sobre o homem sertanejo:

As estratégias de trabalho e de vida desses peões possuem origens diversas, inclusive na apropriação de elementos do mundo que os rodeia (...), o peão também preservou e reelaborou aquilo que o favorece na sobrevivência na região. Suas características físicas ou culturais estão ligadas e possibilitam que a natureza

enquanto adversária seja transformada em aliada, ou até mesmo confrontada (LEITE, 2003, p. 119).

Nas regiões Noroeste paulista e sul matogrossense, existia uma relação muito próxima dos condutores e peões de boiadeiro com seus bois durante a passagem com as comitivas pelas estradas boiadeiras. Desta maneira, a figura do peão de boiadeiro era representada como um sujeito forte e destemido que vivia sobre as larguezas das matas. O vaqueiro nordestino criou-se diferentemente do peão de boiadeiro das regiões sul matogrossense e paulista onde a presença de água em alguns trechos era constante. No sertão, os vaqueiros, tendo sobre a cabeça o forte sol em que as estações de chuva quase não ocorrem, passam por “períodos de sucessivos de devastações e desgraças” (LEITE, 2003, p.118).

Porém, o boiadeiro em questão não tem como adversárias a aridez e a seca intensa que assola a região nordestina, mas as enchentes que ocorriam e ainda ocorrem anualmente no Pantanal, além da presença constante de animais selvagens. A roupa era constituída de couro como forma de proteção aos vaqueiros para que não se machucassem ao passar pelos galhos secos.

Para Banducci, as relações sociais do condutor de gado com o meio natural:

(...) se estabelece, baseada no contato diário, na afetividade, no diálogo mútuo, possui um significado mais profundo e de conseqüências sociais mais amplas. (...) Como se incorporassem a personalidade de seus proprietários, (os animais) expressam simbolicamente as qualidades e defeitos dos vaqueiros dispondo-o ao julgamento da coletividade. Eles são o espelho através do qual os peões expressam para si mesmos e para o grupo a sua capacidade elevada de trabalhador, a sua condição irrefutável de campeiro e, além disso, os seus atributos masculinos. Por intermédio dos animais os homens conseguem mobilizar seu *status* através da hierarquia de prestígio social. (1995, p. 111)

Sobre esse aspecto, são diversas as fórmulas e estratégias narradas pelos condutores e peões de boiadeiro no vivenciar de seu cotidiano, possibilitando identificar o contato e o convívio com o meio rural, compreendendo suas possibilidades e limites de ações. Neste contexto, o conhecimento baseado na experiência e tradição origina um processo de adaptação

e criação em resposta a diferentes condições do ambiente, criando formas específicas de contato com a natureza.

Nesse caso, o trabalho dos condutores envolvia operações técnicas aperfeiçoadas ao longo de muito tempo nas estradas tangendo o gado, enfrentando duras condições climáticas e um labor cujos rendimentos ofereciam uma vida singela.

A simplicidade, os costumes e os valores dos boiadeiros são partes do mundo rural. O fazer coletivo se dirigia pela tradição em que normas e costumes garantiam a preservação de valores. Algumas dessas tradições nasciam no dia a dia desses grupos, como modo de lazer que ocorria após a entrega do gado ou em fazendas de internadas.

Nesses momentos de distração, desenvolviam-se os rodeios nas propriedades em que esses peões passavam, prática que ao longo do tempo se transformou em tradição nas cidades do Noroeste paulista. No início, era apenas uma doma feita no curral do fazendeiro, que virou brincadeira no tempo livre. As pessoas de sítios e fazendas próximas se divertiam vendo o peão montar no animal e isso acabou emergindo em espetáculos de fim de semana.

O gado era conduzido com destino aos frigoríficos e, depois de entregue, a peonada permanecia nas fazendas e até mesmo nas cidades. A partir daí, esses peões de boiadeiro começaram a realizar montarias em cima de cavalos e burros. Na obra *Vivências Caipiras*, a autora Maria Alice Setubal cita trechos da entrevista do peão de rodeio Oswaldo Pacheco:

Era feito rodeio em fazenda, dos domadores de cavalo e de burro que se reuniam nos finais de semana nas colônias das fazendas (...). No Brasil, já existia há muitos anos o circo de tourada (...). Meu avô, na época de 1920, fazia rodeio no quintal da casa dele. O sobrinho dele pinhalava os burros, ele orelhava e os peões montavam na crina, na cordinha (SETUBAL, 2005,p. 81).

Os laços estabelecidos entre o fazendeiro e o peão de boiadeiro também ocorriam na forma de festividades, dentre elas o rodeio que surgiu nas fazendas e foi atraindo a atenção dos próprios fazendeiros e dos moradores próximos.

A vida do peão de boiadeiro e o seu modo de ser, com seus costumes e tradições, fizeram parte de um Brasil rural. Essa ruralidade passou a compor uma verdadeira integração

simbólica junto aos conjuntos culturais conhecidos sob as marcas da rusticidade, da tradição, da nostalgia, ressignificando a experiência histórica e cultural campestre.

A cultura desses sujeitos tem como uma de suas características básicas a religiosidade católica, constituída de inúmeras crenças. Os elementos espirituais faziam parte da vida cotidiana dos peões de boiadeiro, refletindo-se na manifestação de suas tradições, na transmissão de costumes, e nas tantas práticas que o modo de vida rural imprime. A necessidade de sobrevivência apresenta um estilo direto de aprendizado, ou seja, as crenças baseadas na experiência eram aceitas como resultantes de hábitos para entender a natureza.

As atividades cotidianas se encontravam pautadas, por exemplo, no relacionamento com os animais. Assim, era possível identificar no saber do peão de boiadeiro os traços de sua cultura. Essa experiência baseava-se na crença confirmando a sabedoria do peão de boiadeiro na lida com o gado. Conforme destaca Carmo Bernardes a respeito da sabedoria dos vaqueiros no sertão:

Há a crença generalizada no sertão de que o boi curreleiro só fica sossegado na pastagem, que não é sua, enquanto não troveja. Vindo o mormaço, o trovão ronca nostálgico, anunciando as primeiras chuvas e, o boi forasteiro desespera. Despreza as suas amizades recentes, arrebenta o arame e arriba (1995, p. 33).

Outra crença, segundo o mesmo autor:

E quando uma rês sertaneja morre na estrada boiadeira a carniça fica com a frente voltada na direção de seus pagos. As vacas nunca abandonam as paragens onde lhes nasceu a prole, a não ser forçadas por circunstâncias muito adversas, como o ataque das onças, o endurecimento do capim ou a dificuldade de aguada nas quadras de estiagem prolongada. (1995, p. 33)

Deste modo, suas práticas culturais tornavam-se significativas ao serem inseridas no contexto rural, permitindo compreender como os peões de boiadeiro estreitavam seus vínculos coletivos por meio de um mundo mágico-religioso, povoado de rezas, crenças, simpatias e benzeções.

Devido às longas viagens, alguns animais e peões de boiadeiro adoeciam, e as doenças eram, na maioria das vezes, tratadas com rezas, simpatias e remédios com ervas. As simpatias

e benzimentos eram colocados em prática quando ocorriam picadas de animais peçonhentos ou acidentes causados pelo estouro de boiada. Nessas ocasiões, o peão de boiadeiro recorria aos conhecimentos adquiridos na natureza.

Deste modo, os personagens e as relações construídas nas crenças, nos santos de devoção e benzimentos inseridos nas experiências vividas, ressalta por meio da memória o lugar, fazendo com que a região reflita na identidade permanências e (re) criações dos condutores e peões de boiadeiro em comitivas.

Sobre esse aspecto, eram diversas as fórmulas e estratégias narradas pelos peões de boiadeiro no vivenciar de seu cotidiano. Desde a variada farmacopéia até as pequenas simpatias, foi possível identificar o contato e a construção que o boiadeiro estabelecia com o meio em que vivia, a fim de compreender parte de suas possibilidades e limites de ações. A entrada na mata, a travessia de um rio, um ponto de pouso num local pouco conhecido, eram momentos de aplicação e adaptação de conhecimentos e crenças que foram transmitidas desde longos tempos.

No embate do cotidiano, o peão de boiadeiro articulava como estratégia de sobrevivência a forma de não perder o essencial de sua identidade. As histórias envolvendo o gado provêm de narrativas do homem do campo, ressaltando as habilidades, hábitos e costumes. As conversas nos pontos de pouso, os costumes, as simpatias e crenças criavam uma força instauradora dentro da rotina da comitiva. Para tanto, foi imprescindível construir uma caracterização do condutor de gado, seja ele o vaqueiro, o peão de boiadeiro em sua relação com o ambiente, com o território e os modos de vida.

Considerações finais

Condutores na Boiadeira: a identidade construída pelas estradas, paradas e pousos no Noroeste paulista (1915 a 1940) é o resultado de uma pesquisa em que os sujeitos que constituíram o objeto central da investigação foram os condutores e peões de boiadeiro inseridos no contexto de espacialidade da Estrada Boiadeira, entre o período de 1915 e 1940. Acerca disso, procura-se (re) construir as histórias desses boiadeiros em comitivas, apontando

os fluxos interpretativos das interações desses sujeitos, baseando em experiências e sabedorias alcançadas por meio da apreensão de seu cotidiano e modo de vida.

Além das técnicas necessárias para o desempenho de seu trabalho, os boiadeiros, nas comitivas, possuíam rituais cotidianos para sua organização, os quais à primeira vista pareciam ser simples, mas que foram denotando a sua complexidade. Esses homens que percorriam a Estrada Boiadeira estavam imbuídos de conhecimentos, experiências e valores éticos, tal como pode ser observado nos momentos em que ocorria alguma intempérie, como, por exemplo, uma doença dos peões, ou mesmo nas regras da cozinha. Isto se incorpora à prática de um diversificado sistema de regras, mitos, rituais que evidenciam a cultura dos peões de boiadeiro e condutores.

Durante as viagens em comitivas pela Estrada Boiadeira, esses sujeitos desenvolviam conhecimentos tradicionais, originando um processo de adaptação para a sobrevivência nas diferentes condições do ambiente, como o contato com a natureza desenvolvendo uma forma de vida própria. O cotidiano de trabalho era repleto de desafios, surpresas, perigos e cenas de um viver característico. Acerca disso, procuramos apontar os conhecimentos adquiridos na natureza e os fluxos interpretativos de seu modo de vida que deram origem à (re) construção da identidade de “ser peão boiadeiro”, mais ainda que a de “ser condutor”.

Deste modo, um dos objetivos deste estudo referiu-se à apreensão do modo de vida do peão de boiadeiro em comitivas em vista de suas adaptações, rituais, costumes e hábitos. A cultura do boiadeiro vem traduzida nas velhas tradições, no sentimento de interior, ligado às condições materiais de sobrevivência das práticas populares. Esses sujeitos contribuíram no século XIX e parte do XX para a economia e as relações sociais e culturais não só de Mato Grosso e Noroeste paulista, como também no restante do Brasil, levando o gado e seus conhecimentos para território brasileiro, o que, em alguns lugares, continua a ser prática comum.

A interpretação dos dados, nesta pesquisa, revela que os peões de boiadeiro representam um tipo cultural associado à pecuária nas regiões como Mato Grosso e São Paulo. Assim, buscou-se desvendar uma parte do modo peculiar de ser e o mundo envolto desses sujeitos, buscando, por meios das fontes, os imaginários e as sociabilidades construídas em torno de sua figura, simbolizando-o como agente social.

Referências bibliográficas

- BANDUCCI JÚNIOR, A. *Sociedade e Natureza no Pensamento Pantaneiro: representação de mundo e sobrenatural entre os peões da fazenda de gado na “Nhecolândia” (Corumbá-MS)*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de São Paulo.
- BERNARDES, Carmo. *O gado e as larguezas dos Gerais*. Estudos Avançados, vol. 9. n° 23. São Paulo. Jan/Apr. 1995.
- CORALINA, Cora. *Estórias da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Editora Global, 1985.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. de. *Caminhos e Fronteiras*. 3° ed, São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na História: comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*. Campo Grande. Editora: UFMS, 2003.
- LUCIDIO, João Antônio B. *Nos confins do Império um deserto de homens povoado por bois (a ocupação do planalto sul Mato Grosso 1830-1870)*. Niterói, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.
- NOGUEIRA, A. X. *Pantanal: homem e cultura*. Ed. UFMS, Campo Grande. 2002.
- PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1942.
- PROENÇA, A.C. *Pantanal: gente, tradição e história*. 3°ed. Campo Grande: UFMS, 1997.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- SATHER, Evandro B. *Tropeiros & outros viajantes*. Niterói: PPGSD-UFF/ Edição do autor, 2003.

SETUBAL, Maria Alice. *Vivências Caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista*. São Paulo: CENPEC/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.